educação. 1. ed. Campinas: Papirus, 1996.
EBERHARDT, Márcia R.; MOURA, Sandra E. A importância da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento dos educandos do 1° ciclo do ensino fundamental. In. XVIII Seminário Internacional de Educação no Mercossul. 2018. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/>. Acesso em: 10 ago. 2020.
FARIAS, F.R.A. de; RUBIO, J. de A.S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Saberes da Educação. v. 3, n.1, 2012.
KRAMER, Sônia. In: A Política do pré-escolar no Brasil. A arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
LOUREIRO, Alicicia Moreira Almeida. O ensino da música na escola fundamental. São Paulo: Papirus, 2005.
LUCAS, Maria Angélica O.F. Letramento, alfabetização e literatura infantil: uma relação possível e necessária. In. X Congresso Nacional de educação – EDUCERE. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5060_2491.pdf> Acesso em: 10 ago. 2020.
MAIA, Ana C.B.; LEITE, Lucia P.; MAIA, Ari F. O emprego da literatura infantil na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola. In. Revista Psicopedagogia. v. 28, n. 86, 2011, p. 144-155.
MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. In. Revista Pro. Posições. v. 27, n. 2, 2016, p. 115-132.
REIS, Mariana P.; TORRES, Eneida P.P.; COSTA, Beethoven R. Infância, escola e literatura infantil: livro para criança não precisa ser educativo. In. Revista Psicopedagogia. v. 33, n. 101, 2016, p. 184-195.
RODRIGUES, Scheila L. et al. Literatura infantil: origens e tendências. In. XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosu l/pagina/anais/2013/>. Acesso em: 12 ago. 2020.
SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 50. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.
SEGABINAZI, Daniela; BRITO, Rosa S A. Literatura infantil e alfabetização: uma experiência para ler e escrever. In. Revista de Educação Anál. v. 2, n. 1, 2017, p. 121-146.
SILVA, Aline L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. In. Revista Univem. v. 2, n. 2, 2009, p. 135-149.
SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
SOARES, Magda; BATISTA, Antônio A.G. Alfabetização e Letramento: caderno do professor. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale/ FaE/UFMG.
TABILE, Ariete F.; JACOMETO, Marisa C D. Fatores que influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. In. Revista Psicopedagogia. v. 34, n. 103, 2017, p. 75-86.
ZABALZA, Miguel. A Qualidade em educação infantil. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Art-Med, 1998. Porto Alegre: Artmed, 1998.
ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva G. Contribuição da leitura infantil para aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. In. Caderno Cede
s. v. 30, n. 82, 2010, p. 339-353.

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS PARA A PSICOMOTRICIDADE

NAIMA ALEXANDRA DE ASSIS

RESUMO
Brincar é uma parte importante do desenvolvimento inicial de uma criança. Brincar ajuda o cérebro das crianças a desenvolver e amadurecer suas habilidades de linguagem e comunicação. Jogos simples de esconde-esconde, sacudindo um chocalho ou cantando uma música são muito mais importantes do que apenas uma maneira de passar o tempo. Eles ensinam crianças pequenas sobre comunicação, desenvolvem suas habilidades motoras, que fazem parte da psicomotricidade e ajudam na solução de problemas. Algo tão fácil quanto empilhar e derrubar blocos permite que as crianças descubram conceitos de matemática e ciências, incluindo formas, gravidade, equilíbrio e contagem. Esses jogos da primeira infância são vitais para estabelecer as bases da educação formal. Na maioria dos casos, o aprendizado começa com os pais ou responsáveis que se envolvem, brincam e respondem à criança.
PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Crianças; Jogos.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida moldam o futuro de uma criança na idade adulta. É quando o desenvolvimento cerebral mais significativo acontece, principalmente nos dois primeiros anos de vida. A falta de brincadeira e comunicação, conhecida como “subestimulação”, pode ter consequências negativas a longo prazo no aprendizado e na saúde física e mental da criança.
Aproximadamente 80% do desenvolvimento do cé-

rebro é completado aos três anos e 90% aos cinco. Isso significa que uma criança não pode esperar a escola primária começar a aprender.

Esses jogos da primeira infância são vitais para estabelecer as bases da educação formal. No entanto, em famílias pobres, onde os pais podem trabalhar longas horas e lutam apenas para alimentar suas famílias, o acesso a brinquedos apropriados e a capacidade de reservar tempo para brincar podem ser limitados.
É importante reconhecer o papel crucial que desempenha no desenvolvimento da primeira infância. O apoio à brincadeira deve ser incorporado aos programas de desenvolvimento da primeira infância.
Quando as ciências humanas eram governadas pelo paradigma dicotômico, que entendia o homem como resultado da adição de dois elementos, corpo e espírito, soma e psique, parecia inquestionável que a competência do professor de Educação Física, como o próprio nome indicava, era exclusivamente à parte material, o corpo, a soma. Muito em breve, na França, primeiro do campo da medicina e depois da psicologia, surgiram diversas contribuições sob o nome genérico de “psicomotricidade”.
No entanto, tudo parece indicar que as novas abordagens com as quais chegamos ao século XXI estão mais interessadas em uma perspectiva holística, global, abrangente e comportamental, seja ela denominada habilidades motoras ou atividade física, abandonando as perspectivas analíticas, tão úteis até agora.
Esse processo nada mais é do que a aplicação e reflexão de uma nova maneira de entender o homem e, portanto, de entender o corpo e os relacionamentos que podem ser estabelecidos entre diferentes dimensões de sua natureza. Essa formulação, na qual não é mais possível distinguir os diferentes aspectos para conceder tratamentos independentes e desconectados, propicia à educação física uma ampliação de suas possibilidades de intervenção e, ao mesmo tempo, impõe novas competências e outros propósitos.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NAS ESCOLAS

O brincar é uma parte importante do desenvolvimento infantil. Através da brincadeira, as crianças aprendem sobre formas, cores, causa e efeito e elas mesmas. Além do pensamento cognitivo, o brincar ajuda a criança a aprender

habilidades sociais e psicomotoras. É uma maneira de comunicar alegria, medo , tristeza e ansiedade .
No início dos anos 2000, crianças de todas as idades e de todas as origens socioeconômicas preferem televisão, computadores e brinquedos a pilhas a brincadeiras auto-dirigidas, imaginativas e criativas. Essa tendência deixa as crianças carentes de desenvolvimento, porque brincadeiras imaginativas e de fantasia permitem que elas explorem seu mundo e expressem seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, esperanças e medos, gostos e desgostos. Através do jogo, as decisões são tomadas sem penalidade ou medo de fracassar. O brincar permite que as crianças obtenham o controle de seus pensamentos, sentimentos, ações e as ajuda a alcançar autoconfiança.
A brincadeira assume formas diferentes para crianças diferentes, e sua definição envolve muitos aspectos. Brincar é o oposto direto do trabalho; é frívolo. Proporciona liberdade e convida o impulso a se envolver em tolices. No entanto, fornece um meio para o desenvolvimento do ego e um processo pelo qual as habilidades sociais e físicas também se desenvolvem.
Brincar com imaginação e fantasia é o meio natural de auto-expressão da criança e um que dá pistas sobre os estados conscientes e inconscientes da criança. Na terapia lúdica, os médicos empregam várias técnicas projetadas para revelar o desenvolvimento psicológico e social da criança. A terapia lúdica dirigida ao médico não é, portanto, uma brincadeira autodirigida naturalmente, mas uma brincadeira projetada por um profissional para facilitar a compreensão da criança e do processo de cura da criança.
O jogo reforça o crescimento e o desenvolvimento da criança. Algumas das funções mais comuns do jogo são facilitar o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, social e moral .
DESENVOLVIMENTO FÍSICO: Ajuda no desenvolvimento de habilidades motoras finas e grossas . As crianças repetem certos movimentos do corpo apenas por prazer, e esses movimentos desenvolvem o controle do corpo. Por exemplo, um bebê primeiro bate em um brinquedo, depois tenta agarrá-lo e, eventualmente, consegue pegá-lo. Em seguida, a criança sacode o chocalho ou talvez o leve à boca. Dessa maneira, o bebê passa de gestos simples para gestos mais complexos.

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: As crianças ansiosas podem ser ajudadas pela representação. A representação de papéis é uma maneira de lidar com conflitos emocionais. As crianças podem escapar através do jogo para um mundo de fantasia, a fim de dar sentido ao mundo real. Além disso, a autoconsciência de uma criança se aprofunda à medida que explora um evento por meio de dramatizações ou brincadeiras simbólicas.
Quando um pai ou irmão joga um jogo de tabuleiro

com uma criança, compartilha um passeio de bicicleta, joga beisebol ou lê uma história, a criança aprende a importância própria. A auto-estima da criança aumenta. Os pais enviam mensagens positivas para seus filhos quando eles comunicam prazer em prestar-lhe cuidados diários. A partir dessas interações iniciais, as crianças desenvolvem uma visão do mundo e adquirem uma noção de seu lugar nele.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: As crianças adquirem conhecimento através de suas brincadeiras. Eles exercem suas habilidades para pensar, lembrar e resolver problemas. Eles se desenvolvem cognitivamente, pois têm a chance de testar suas crenças sobre o mundo.

As crianças aumentam suas habilidades de resolução de problemas através de jogos e quebra-cabeças. As crianças envolvidas em brincadeiras de faz de conta podem estimular vários tipos de aprendizado. A linguagem é fortalecida à medida que as crianças modelam os outros e organizam seus pensamentos para se comunicarem. Crianças brincando de casinha criam narrativas elaboradas sobre seus papéis e a natureza da vida cotidiana.

As crianças também aumentam sua compreensão de tamanho, forma e textura através da brincadeira. Eles começam a entender os relacionamentos enquanto tentam colocar um objeto quadrado em uma abertura redonda ou um objeto grande em um espaço pequeno. Livros, vídeos e brinquedos educativos que mostram figuras e palavras correspondentes também aumentam o vocabulário da criança e aumentam o conceito de mundo da criança.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL: Um recém-nascido não pode se diferenciar dos outros e é completamente auto-absorvido. À medida que a criança começa a brincar com os outros e com os objetos, uma percepção de si como separada dos outros começa a se desenvolver. A criança começa a sentir alegria pelo contato com

outras pessoas e se envolve em comportamentos que envolvem outras pessoas. A criança descobre que, quando ele fala alto ou ri, a mãe fala de volta. A criança logo espera essa resposta e a repete por diversão, brincando com a mãe.

À medida que as crianças crescem, elas desfrutam de uma interação lúdica com outras crianças. As crianças aprendem sobre limites, revezamento, trabalho em equipe e competição. As crianças também aprendem a negociar com diferentes personalidades e os sentimentos associados à vitória e à perda. Eles aprendem a compartilhar, esperar e ser paciente.

DESENVOLVIMENTO MORAL: Quando as crianças brincam com seus colegas e familiares, começam a aprender que alguns comportamentos são aceitáveis, enquanto outros são inaceitáveis. Os pais começam essas lições cedo na vida da criança, ensinando-a a controlar o comportamento agressivo . Os pais podem desenvolver a moral ao ler para as crianças, enfatizando as implicações morais nas histórias. As crianças podem se identificar com os personagens fictícios morais sem assumir seus papéis. Com os colegas, eles aprendem rapidamente que revezar é gratificante e trapacear não é. As brincadeiras em grupo ajudam a criança a apreciar o trabalho em equipe e compartilhar e respeitar os sentimentos dos outros. A criança aprende a ser gentil e caridosa com os outros.

À medida que as crianças se desenvolvem, suas brincadeiras também evoluem. Certos tipos de jogo estão associados, mas não restritos a, faixas etárias específicas.

Promover a brincadeira para uma criança doente é um desafio quando a criança não pode participar voluntariamente da brincadeira. Os pais precisam perceber a importância da brincadeira para o bem-estar de uma criança doente. As crianças podem levar livros, jogos e bichos de pelúcia favoritos para o hospital. Nos hospitais, as crianças pequenas precisam de brinquedos que possam manipular de forma independente, para que os pais às vezes sejam livres para se concentrar em questões médicas e na equipe de saúde.

As atividades lúdicas variam de acordo com as circunstâncias culturais e socioeconômicas. Quando as crianças não falam o idioma do grupo, jogos como empilhar blocos ou construir com brinquedos de brincar são atraentes. Tocar fitas de

músicas infantis amadas também pode ser eficaz. A criança não precisa entender as palavras para apreciar a música ou bater palmas com o ritmo.

CORPO, MOVIMENTO E PSICMOTRICIDADE

A psicomotricidade é de grande importância nos estágios iniciais da vida da criança e, portanto, é necessária sua inclusão nos estágios infantil e primário. No entanto, o trabalho de psicomotricidade realizado na escola é bastante escasso, o que significa perder uma das maneiras mais adequadas e enriquecedoras, para que os alunos aprendam e se desenvolvam adequadamente, sem esquecer nenhuma das áreas que compõem sua globalidade.

Segundo Molina (1969), o desenvolvimento mental é evidenciado graças às manifestações motoras da criança. Nos primeiros anos de vida, a realidade é dominada pelas habilidades motoras. Qualquer produção representativa tem sua origem no comportamento motor.

Os movimentos das crianças seguem uma evolução

escalonada que tende a alcançar maior precisão. Molina (1969), distingue três estágios fundamentais nessa evolução do movimento, sendo o primeiro o mais importante, que vai do nascimento aos 7 anos, uma vez que as mudanças mais decisivas ocorrem nele e permitirão que os movimentos sejam alcançados adequado em sua evolução. O segundo varia de 7 a 10 anos e o terceiro de 10 a 14 anos.
Usamos o corpo e o movimento da criança para trabalhar outros aspectos, como o conhecimento e a afetividade do sujeito. A psicomotricidade visa desenvolver suas habilidades motoras, expressivas e criativas.
A psicomotricidade considera o sujeito um ser global. Habilidades motoras, psiquismo e afetividade são inseparáveis, com os quais esses aspectos não devem ser tratados separadamente, mas juntos. Para alcançar uma representação mental e o desenvolvimento do esquema corporal, a educação psicomotora concentra-se no trabalho do corpo, que lhe permite tomar consciência, adquirir e assimilar lateralidade, organização espaço-temporal e alfabetização. Tudo isso levando em consideração o

relacionamento consigo mesmo, com os outros e com os objetos. Com o trabalho da psicomotricidade, pretende-se que a vida escolar não se baseie apenas na transmissão de conhecimento à criança, mas trabalhe nas três áreas fundamentais do ser humano, que são os aspectos motores, afetivos e cognitivos.
É comum encontrar-se na escola com alunos que apresentam certas dificuldades na linguagem, escrita, leitura, problemas de atenção, coordenação ... etc. Le Boulch (1986) afirma que muitos dos problemas de reeducação não apareceriam se, paralelamente ao trabalho de leitura, escrita e aritmética, fosse realizado um trabalho de psicomotricidade, no qual o movimento fosse o principal meio educacional, associado a exercícios gráficos e manuseio. Este é o ponto de partida em que confiamos, para tentar aprimorar esse conceito educacional e apresentá-lo como uma forma excepcional de ensino, trabalhando no conteúdo curricular por meio da psicomotricidade, mascarando o ensino de formas recreativas e recreativas, portanto, tornando-o mais motivador para nossos alunos.
É evidente que nos animais superiores o movimento é a expressão de uma organização muito elaborada por meio de uma estrutura de dimensão importante. Mas em todos os níveis do movimento vital escala é intimamente relacionada com o fenômeno da reatividade, para fazer com a resposta ou, seja a reação de um organismo, à ação de um estímulo apropriado. Assim, podemos definir o estímulo como uma modificação do ambiente (externo ou interno), que produz uma reação ou resposta do sujeito submetido à sua ação.
O desenvolvimento da psicomotricidade é o resultado da maturação de certos tecidos nervosos, aumento em tamanho e complexidade do sistema nervoso central, crescimento dos ossos e músculos. São, portanto, comportamentos não aprendidos que surgem espontaneamente desde que a criança tenha condições adequadas para exercitar-se. Esses comportamentos não se desenvolverão caso haja algum tipo de distúrbio ou doença. Podemos notar que crianças que vivem em creches e que ficam presas em seus berços sem qualquer estimulação não desenvolverão o comportamento de sentar, andar na época adequada que futuramente apresentarão problemas de coordenação e motricidade.

É inato do ser humano o ato de movimentar-se. Estamos sempre nos movimentando em tudo que fazemos, mas a capacidade que uma criança tem para movimentar-se é muito mais ágil que um adulto.
Considera-se que a criança aprende enquanto escuta e repete. No cotidiano de escolas de educação infantil, existe o canto de músicas rotineiras, a contação de histórias, os jogos e as brincadeiras, e a criança inserida no mesmo grupo, com os amigos que ela costuma trabalhar e brincar.
Segundo Dhome (2003):

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de auto descoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros. (DHOME, 2003, p.124-125)

É relevante que as escolas sejam ambientes abertos as trocas de experiências, fazendo com que as crianças tenham acesso aos diferentes tipos de linguagens, para que possam não só conhecê-las, mas apropriar-se delas, a fim de que ela domine, por meio da linguagem, a sua relação com si própria e com o mundo.
Os jogos e as brincadeiras envolvem uma capacidade de ação por iniciativa própria, portanto são caracterizados por atitudes, que correspondem a reações de estímulos externos, inerentes ao ser humano.

Na Educação Infantil e nas séries iniciais, os jogos educativos conduzem a criança à descoberta, à curiosidade, à concentração, à percepção, tornando o ensino mais agradável, visando o desenvolvimento da linguagem e do raciocínio lógico.
A oportunidade de aprender de forma lúdica estimula as crianças se tornarem seres críticos e ativos acerca da realidade do seu cotidiano, despertando uma maior consciência de si mesmo e do outro.
Borba (2007) afirma que:

O espaço do brincar nas nossas escolas é apenas passatempo e liberação - reposição de energias para alimentar o trabalho? Ou é uma forma de interpretar, agir e nos relacionar com o mundo e com os outros, vivenciada como experiência que nos humaniza, levando-nos à apropriação de conhecimentos, valores e significados, com imaginação, humor, criatividade, paixão e prazer? (BORBA, 2007, p. 41).

Ao utilizar os jogos e as brincadeiras de forma adequada como recurso pedagógico, ambos contribuirão para o processo ensino aprendizagem das crianças na escola, especialmente na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, pois estes recursos retém o interesse da criança possibilitando assim, o seu desenvolvimento global de habilidades necessárias para processo educativo.
A noção de estímulo implica dois elementos, os órgãos sensoriais que recebem as modificações do meio (externo ou interno) e as respostas que seguem os estímulos capturados. Em geral, as respostas dos organismos inferiores são muito mais simples que as dos organismos superiores, mas em ambos os casos, eles sempre constituem unidades de ação no meio ambiente. Para as unidades de resposta que atuam no ambiente, nós as chamamos de comportamentos.
Esses comportamentos não são isolados uns dos outros ao contrário, articulam-se formando o que conhecemos como comportamentos, próprios e distintivos de cada espécie. Esses comportamentos são expressos por meio de movimentos. Mas existem outras características definidoras dos seres vivos além do movimento e da reatividade a organização específica de cada espécie viva, metabolismo, crescimento, reprodução, diferenciação e a adaptação.
Os seres vivos e particularmente os animais definiram formas e dimensões para cada espécie com uma organização de complexidade crescente do nível molecular para a célula, e a partir daí para os níveis mais elevados de tecidos, órgãos e sistemas, a manutenção de uma operação coordenada com a outra, que é a expressão característica de um organismo biológico.
No caso do ser humano, a garantia de que um indivíduo realiza exatamente os mesmos movimentos e gestos que outros indivíduos da mesma espécie realizam não é tão automática e rígida quanto nos animais. Aquelas que existem no momento do nascimento da criatura humana, são todas as potencialidades adquiridas ao longo de milhares de séculos de evolução histórica das espécies, mas apenas o estímulo social, a educação, se quiser dar um nome, garantirá o pleno desenvolvimento dessas potencialidades.

“Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar. É necessário, a cada inicio de ano, que o corpo da criança também seja matriculado na escola, e não seja, considerado por algumas pessoas como um ‘estorvo’, que quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará a aprendizagem.” (FREIRE, 2005, p.11)

Se o ambiente social é pobre em estímulos que desencadeiam o exercício dessas potencialidades, surgem falhas, lacunas no desenvolvimento motor, que quanto mais tempo demorar para atacá-los, menor a chance que terão de remediá- los. O papel humilde do instinto no desenvolvimento da mobilidade humana (comparado a outras espécies) fornece um número relativamente pequeno de padrões inatos de movimento, que muito cedo se tornam insuficientes para as exigências do meio ambiente e da vida social.
Como em todas as outras funções do organismo, a função motora envolve a ruptura e a restauração de ligações químicas que asseguram a energia necessária para o desempenho de uma tarefa motora. Na função motora encontramos em todos os níveis, mas com maior notoriedade na contração muscular, as principais categorias de reações metabólicas. Mesmo no caso de indivíduos sedentários, sua atividade motora exigirá contrações musculares nas quais oxigênio e fosfocreatina serão consumidos, dióxido de carbono, ácido lático e fosfato inorgânico serão formados.
Há relações muito próximas entre crescimento e movimento em animais superiores, como evidenciado pelo menor tamanho de animais criados em cativeiro, em espaços significativamente menores do que aqueles de seu habitat natural. Mas essa relação é muito mais evidente até no ser humano. A biologia prova que todos os organismos vivos modificam suas dimensões ao longo da vida e, com base nessa observação, a concepção de crescimento é baseada. Nos organismos unicelulares, o crescimento deve-se exclusivamente ao aumento

do tamanho das células (hipertrofia) em seres multicelulares, esse aumento no tamanho se deve ao aumento no tamanho das células individuais (hipertrofia), ao aumento do número de células (hiperplasia) ou a ambos os mecanismos como um todo.

"O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente." (GALLAHUE, 2005, p. 03).

Já não é necessário demonstrar que a atividade física sistemática influencia favoravelmente o crescimento humano, o crescimento osteo-muscular requer que o movimento atinja suas possibilidades potenciais máximas, a maturação do sistema nervoso é aumentada pelo exercício motor; e o mesmo acontece com as grandes estruturas responsáveis pelas funções vitais (milhares de trabalhos científicos falam sobre a necessária influência das habilidades motoras no desenvolvimento cardiopulmonar). Mas também é óbvio que a produção de movimentos cada vez mais amplos e coordenados dependerá, por sua vez, do crescimento ósseo, desenvolvimento muscular e ligamentar e a maturação do sistema nervoso, enquanto a possibilidade de realizá-las continuamente ao longo do tempo, apoiando a fadiga, será determinada pelo desenvolvimento pulmonar e cardíaco.
A função motora é realizada num material que no homem é uma estrutura que se desenvolve desde a fertilização, unicelular por meio do feto após o nascimento, deixando a desenvolver até à maturidade. Os processos de diferenciação celular e especialização que vai constituir os tecidos e órgãos diferentes que por sua vez conduzem à estrutura final complexo, são influenciados, enquanto que a condição de todos os movimentos, e função motora é determinante em muitos desses processos de diferenciação.

"Para Gallahue e Ozmum (2005, p.298), por sua vez, coordenação é a habilidade de integrar em padrões eficientes de movimento, sistema motores separados com modalidades sensoriais variadas. Os mesmos autores dizem que quanto mais complicadas as tarefas motoras, maior será o nível de coordenação necessário para um desempenho hábil. Colocam ainda que coordenação se liga aos componentes de aptidão motora, equilíbrio, velocidade e de agilidade, porém não está internamente alinhada à força e à resistência. Conforme definido por esses autores, "equilíbrio é a habilidade de um indivíduo manter a postura de seu corpo inalterada, quando este é colocado em várias posições. O equilíbrio é básico para todo movimento e influenciado por estímulos visuais, táteis, sinestésicos e vestibulares" (GALLAHUE E OZMUM, 2005, p.298)

Do ponto de vista biológico, compreende-se por adaptação de qualquer modificação estrutural, fisiológicas ou comportamentais, que permitem que um organismo vivo permanecer em equilíbrio com o seu meio ambiente (homeostase). A eficácia, ou seja, a solução positiva pela conduta ou ação que satisfazer uma necessidade organizacional ou interesse, é um conceito intrinsecamente ligado à adaptação.
Em todos os organismos animais e, em certa medida, nas plantas, o movimento está associado à adaptação. No homem, o papel do movimento na adaptação é evidente tanto em termos de adaptação individual quanto naquilo que podemos chamar de adaptação ontogenética da espécie ao longo de sua história biológica. Com efeito, os movimentos humanos são inseparáveis das estruturas que os provocam. Entre marcha e locomotora como entre o manuseamento e a anatomia da mão, ou em outro plano e, entre o comportamento de condução e o comportamento geral do sujeito, existe uma clara e unidade indivisível.
De nossos antepassados comuns com os grandes símios, até o homem atual; o movimento tem sido a principal causa e efeito das diferentes adaptações que permitiram alcançar o espécime humano de nossos dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicomotricidade nem sempre foi considerada da mesma maneira; no século XIX ela aparece como um colapso da Educação Física e foi somente no século XX que seu lado psicológico e pedagógico foi reconhecido. Atualmente, a psicomotricidade é de grande importância nos centros de educação infantil; o menino e a menina, por meio dela, adquirem noções espaciais, temporais e laterais relacionadas ao corpo, objetos, situações que facilitam a aquisição de novos conhecimentos, aprendizados e desenvolver suas habilidades. Pode se dizer que o trabalho da psicomotricidade contribui para o desenvolvimento físico, afetivo, social e intelectual de crianças em idade infantil.
Nas atividades de psicomotricidade, a criança adquire noções espaciais, temporais e laterais relacionadas ao seu corpo, objetos, situações que facilitam a aquisição de novas aprendizagens, desenvolve suas habilidades.
No início da infância, as crianças encontram em seu